

A Dura Realidade de um Novo Mundo

Allan de Paula Oliveira¹

A leitura de “1680-1720: o império deste mundo” pode, a princípio, causar certa estranheza ao leitor mais desavisado. Trata-se de uma obra muito simples, de fácil leitura, mas que nem por isso deixa de trazer questões, sobretudo metodológicas, que merecem especial atenção. A obra, lançada este ano, faz parte da coleção “Virando Séculos”, da Companhia das Letras, onde autores diversos analisam “imagens, projetos, utopias e marcas históricos-sociais que caracterizam as viradas de século”². Assim, a transição do século XVII para o século XVIII coube a Laura de Mello e Souza e Maria Fernanda Bicalho, ambas historiadoras com experiência em período colonial.

Em resumo, “1680-1720...” é um livro sobre mentalidades, onde as autoras procuram mostrar que à passagem do século XVII para o século XVIII correspondeu uma mudança na auto-imagem que os portugueses tinham do seu Reino e de seus domínios. Para isto, as autoras analisam as idéias de dois personagens ligados à política colonial e que servem como marcos delimitadores da pesquisa. Para o final do século XVII, analisa-se Padre Vieira; para o início do XVIII, o conselheiro real Antônio Rodrigues da Costa. Os escritos destes dois personagens mostrariam, portanto, duas mentalidades diferentes sobre Portugal e a política colonizadora separadas pelo interregno de 40 anos.

As autoras são claras ao afirmar que Padre Vieira é a síntese do século XVII lusitano³. Isto se deve, em parte, à própria maneira como ele concebeu seu tempo e seu mundo. Padre Vieira representa uma concepção messiânica da política colonial: a idéia coeva, à época, de que Portugal era a nação escolhida por Deus para constituir o Quinto Império⁴. Ou seja, o destino de Portugal já estava traçado nas Escrituras e toda a política colonial deveria guiar-se por esta idéia – uma clara concepção espiritual de poder e ação política. Esta seria, para as autoras, uma mentalidade representativa do século XVII.

Para representar uma mentalidade tardia, do início do século XVIII, as autoras recorrem aos escritos de Antônio Rodrigues da Costa, membro do Conselho Ultramarino e figura de destaque na corte de D. João V. Analisando as consultas do Conselho, as autoras mostram como D. Antônio tinha idéias distintas daquelas do Padre Vieira. O conselheiro, em seus escritos, aparece preocupado com a maneira como D. João V administrava o domínio

¹ Graduação – História/UFPR

² Cf. SOUZA, Laura de Mello e BICALHO, Maria Fernanda. **1680-1720 : o império deste mundo**. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

³ Ibid., p. 8.

⁴ Ibid., pp. 10-12.

portugueses, ameaçados e perturbados por diversos problemas. Em D. Antônio, Portugal já não tem mais aquela “áurea” com a qual Padre Vieira o revestira mas, pelo contrário, suas idéias demonstram uma concepção secularizada do mundo e da política, muito distante de uma crença num destino profetizado e transcendental. Provavelmente, a única “profecia” na qual D. Antônio acreditava era a de que se Portugal não mudasse sua política colonizadora, correria um grande risco de perder seus domínios⁵.

O livro começa, portanto, com uma visão de mundo e termina sob outra. Entretanto, as autoras não se limitam apenas a retratar duas mentalidades distintas, pois o verdadeiro objeto da análise do livro é o contexto no qual se dá a transição entre estas duas formas de pensar. O que ocorre entre 1680 e 1720 que faz com que o “futuro messiânico” português se transformasse num “presente ameaçado”? Ou seja, qual é a conjuntura que permeia esta transformação?

Para analisar isto, as autoras se debruçam sobre a América Portuguesa no período, mostrando como o principal domínio lusitano passava por um período de conturbações e ameaças, tanto interna quanto externamente. No plano interno, as autoras mostram como o século XVIII começou sob o signo da agitação, com os inúmeros conflitos que ocorrem na colônia: Guerra dos Emboabas, Guerra dos Mascates, Revolta do Maneta, Revolta da Cachaça e o Levante de Filipe dos Santos. Além disso, é um período marcado pela agitação causada pela descoberta e exploração do ouro em Minas. No plano externo, por sua vez, as autoras dão ênfase às incursões de piratas e corsários no litoral brasileiro, notadamente o assalto do Rio feito por Duguay-Trouin em setembro de 1711. As autoras vinculam esses ataques à conturbada cena européia do início do século XVIII, quando ocorre a Guerra da Sucessão Espanhola (1701-1713), conflito que opôs as principais potências européias. Ou seja, tanto no plano interno quanto no plano externo, o domínio português em terras americanas corria grande risco, o que exigia de Portugal transformações na sua política colonial. É, portanto, sob esse ambiente conturbado que as idéias messiânicas do Padre Vieira vão perdendo terreno para uma concepção secular do mundo e da política portuguesa. Parece que essa conjuntura do período que vai de 1680 à 1720 faz com que os portugueses percebam que seus domínios correspondem apenas a mais um “império deste mundo”.

BICALHO, Maria Fernanda e SOUZA, Laura de Mello. 1689-1720 : o império deste mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁵ Ibid., pp. 83-98.